



## **E o palhaço, o que é? - Um olhar sobre estratégias comunicativas do palhaço nos circos de periferia da cidade de Fortaleza<sup>1</sup>**

Ivna Nilton GIRÃO<sup>2</sup>

Márcio ACSELRAD<sup>3</sup>

Universidade de Fortaleza, UNIFOR. Fortaleza, CE

### **RESUMO**

A pesquisa, vinculada ao programa de pesquisa do Pibic/CNPq pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), se encontra no seu segundo ano. Surge de uma vontade, de uma curiosidade de investigar e conhecer melhor o universo circense da cidade de Fortaleza. A pesquisa acadêmica *Humor no Picadeiro* objetiva uma investigação sobre a comicidade do palhaço circense e suas estratégias de comunicação. O estudo pretende fazer uma análise dessas estratégias comunicativas, observando as ações cênicas do palhaço circense e a recepção desse humor. Em visitas a circos pequenos da cidade, situados nos bairros periféricos de Fortaleza, percebemos a necessidade de se dar visibilidade a essa manifestação cultural de grande inserção social. Tivemos diversas experiências em 2007, o que possibilitou a produção de um vídeo, de caráter documental, que se centra na figura do palhaço e na sua grande importância no picadeiro, sua comicidade comunicativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** humor; circo; palhaço; comunicação; comicidade

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Categoria Inovacom.

<sup>2</sup> Pesquisadora do Labgraça: Laboratório de Estudos do Humor e do Riso. UNIFOR - Universidade de Fortaleza .

<sup>3</sup> Professor Doutor orientador da pesquisa. Coordenador do Labgraça e Professor Titular da UNIFOR.

## INTRODUÇÃO

Quem já não se encantou pela magia do circo? Este trabalho mostra que essa magia não acabou. Muitos circos ainda persistem, sobrevivem promovendo lazer e sociabilidade comunitária nas periferias da capital. A partir de um olhar investigativo utilizando a linguagem audiovisual do documentário como ferramenta comunicativa, tenho o interesse de revelar o mundo desses circenses, invisíveis para muitos que estão à margem da cidade, mostrar como vivem, como mantêm o espetáculo e como constroem seus personagens. Dessa curiosidade, surgiu um outro gancho de pesquisa: dar visibilidade para aquele que é o centro dos espetáculos, o palhaço, entender sua comicidade comunicativa.

Expondo em vídeo - o documentário "Humor no Picadeiro", procuro revelar, a partir de entrevistas, quem são esses palhaços, suas vidas, sua importância vital para o circo de periferia, aquele de lona rasgada, de ingresso barato, de atrações improvisadas em que o palhaço se torna o pilar mais forte de sustentação. Muitos são os que afirmam que circo bom mesmo é aquele que tem o palhaço bom, pois é ele que garante a bilheteria, o retorno da meninada e a fama do espetáculo. O Documentário "Humor no Picadeiro" é uma produção vinculada à bolsa de pesquisa do CNPq e que tem o interesse maior de investigar, de se envolver no mundo circense de Fortaleza e fazer uma grande festa em homenagem à arte de ser palhaço.

A partir de estudos percebemos, dentro de um contexto de hegemonia da Indústria Cultural, uma nova sociabilidade e novas práticas de comunicação pelo humor. Foi a partir de um questionamento inicial sobre a idéia de que não há mais circos na capital, de que não se frequenta mais esses espetáculos, que me deparei com um desejo de revelar que esse mundo mágico circense está vivo, pulsante e ainda é uma forma de lazer muito forte, principalmente, nos bairros periféricos em que a sociabilidade se dá, em alguns casos, de modo peculiar.

O interesse surgiu. Entretanto, não me via satisfeita apenas em escrever um artigo, apresenta-lo e pronto. Queria dar voz, visibilidade a esses circenses. Descobrir suas vidas, seus anseios, dificuldades e ressaltar o prazer que é fazer parte desse universo. Com o apoio fundamental do Labgraça – Laboratório de Estudos do Humor e do Riso - pude realizar um documentário, *Humor no Picadeiro*. Muitas foram as

pesquisas de campo que fizemos, encontramos muitas historias boas para contar. Convido a todos(as) para entrarem nesse universo circense! Divirtam-se! E vai começar o espetáculo!

## **METODOLOGIA:**

A pesquisa acadêmica está em sua fase final de trabalho. Durante todo o ano de 2007, tive oportunidade de ler, fichar, organizar e catalogar informações variadas sobre o universo circenses, sobre características do circo, sobre seu surgimento, enfim, fiz um momento inicial de preparação, reflexão e amadurecimento do trabalho. A partir dessas leituras, deparei-me com uma questão: não há uma memória sobre o circo no estado do Ceará. Experiências outras existem no sul do país, por exemplo, com obras sobre o circo Nerino. (Obra memorial *Circo Nerino*. Autores: Roger Avanzi e Verônica Tamaoki Edição – Selo Pindorama Circus e Editora Codex).

No início de 2007, nos dedicamos a sair em pesquisa de campo, entrevistando circenses, em especial os palhaços, a fim de descobrir um pouco sobre a pratica circense na cidade, a comicidade do palhaço e suas estratégias comunicativas através do humor. Um dos focos da pesquisa é a percepção de características dos circos da capital, em especial dos circos de menor estrutura, os que estão com as lonas montadas nas periferias. A cada visita que fazíamos, notávamos que ficava complicado e pouco significativo simplesmente escrever sobre o que se via. A idéia da produção de um documentário serviu muito para a realização dos anseios do grupo. Entrevistávamos os palhaços e sentíamos uma enorme vontade de mostrar sua atuação em cena, no picadeiro, no seu universo. Explanarei mais sobre a experiência de produção do vídeo na terceira parte deste artigo, *Palhaço em cena – câmera, luz e ... muita gargalhada!*

## SOB A LONA – BREVÍSSIMO HISTÓRICO

“Ó raio, ó sol, suspende a lua!  
Viva o palhaço que está na rua!”  
(Cantoria popular que festeja a chegada  
do circo na comunidade)

Antes de discutirmos sobre os circos de periferia, faz-se necessário contar um pouco sobre como o circo surgiu, quais suas referências. As raízes do circo estão postas no hipódromo de Roma e nas olimpíadas da Grécia antiga. As disputas, o jogo, a tensão do desafio e do risco de morte, tudo isso regia o mundo antigo. No hipódromo, eram expostos os resultados de façanhas diversas. Animais exóticos testavam a bravura dos guerreiros. Era um jogo de vida e morte. Na Grécia, as Olimpíadas vinham sob o signo da superação. Os atletas, nas arenas, expunham seus talentos: saltos, acrobacias, evoluções variadas. Fazia-se um culto ao corpo, à beleza e à desenvoltura. Os espetáculos do circo romano tinham fortes ligações com as festas religiosas. O circo-hipódromo romano era o principal espaço de referência social, onde acontecia importantes eventos como corridas de carros e festejos imperiais.

A ideologia do estado se legitimava no circo através das políticas de ‘pão e circo’. Os jogos se centravam nas disputas que glorificavam o vencedor e escrachavam o derrotado. Nos circos modernos não há um envolvimento centrado apenas na disputas, há um misto de sentir: o riso do palhaço se contrasta com o risco de morte do trapezista que brinca de driblar a queda. (Bolognesi, Mario Fernando. *Palhaços*. São Paulo. Editora UNESP, 2003)

Atribui-se ao suboficial da cavalaria inglesa, Philip Astley, a criação do circo moderno. Ele construiu um anfiteatro batizado de Astley. Em Londres, esses se espalharam. Na Inglaterra, desde 1758, espetáculos eram organizados e apresentados ao ar livre. O que Astley fez foi adaptar as atrações para um recinto fechado: ele construiu uma arena de 13 metros de circunferência para que os cavaleiros das Forças Armadas inglesa pudessem ensaiar, treinar os cavalos. Os espetáculos, tradicionalmente, apresentados em praça pública se transferiram para a arena fechada, possibilitando a cobrança de ingressos. As atrações do circo eram centradas exclusivamente nas evoluções com cavalos. Daí, o picadeiro ser redondo. Eram exibidas modalidades como volteios de cavalo livre, cavalos montados por acrobatas, pirâmides humanas em cima

desses e pantomimas envolvendo cenas militares. Era o que se chamava de “circo de cavalinhos”.

O circo correspondia tendências aristocráticas que foram acentuadas em 1830 com a criação da chamada ‘Alta Escola’ que ressaltava os valores e a elegância da montaria. O circo era um espaço de apreciação da estética nobre, de promoção de valores e de disputa com a burguesia que não sabia montar e nem tinha o luxo da aristocracia. Com o fim das guerras napoleônicas, muitos cavaleiros e cavalos tornaram-se inúteis. A disponibilidade desses acabou por constituir uma cultura mambembe de formação de trupes eqüestres. A quebra da monotonia desse “circo de cavalinhos” deu-se com a inserção de números de acrobacia de trupes vindas de feiras ambulantes. O circo começa, a partir da inserção de artistas mambembes de rua a se tornar mais próximo ao que conhecemos: composto de atrações variadas. O circo é uma conjunção da arte eqüestre inglesa, que era desenvolvida nos quartéis e das proezas dos saltimbancos. A nova sociedade mercantil emergente no século XVII, na Europa, provocou o esvaziamento das práticas culturais das ruas e das praças. (Burke, Peter. 1989)

Desde o seu início, os espetáculos circenses são voltados para a superação e para o desafio do corpo. O artista sabe do risco que corre e a platéia se envolve nesse jogo de tensão que só é amenizado com a entrada surpreendente dos palhaços que, com toda sua irreverência e bobagem, quebram o clima, descontraem e nos fazem rir. O corpo do trapezista mostra toda sua potencialidade e grandeza em contraposição ao corpo do palhaço que é grotesco, ridículo e irônico. São os opostos que se revelam. O corpo é comunicação, como afirma Bolognesi.

“As características individuais adequam-se a um tipo determinado e se materializam no corpo do ator, acompanhados da indumentária e da maquiagem. Este corpo, ao contrário do acrobata, não é perfeito e acabado, o que induziria à sublimidade. O corpo do palhaço é disforme, permeado de trejeitos, e busca a ênfase no ridículo, através da exploração dos limites, deficiências e aberrações. Frequentemente, os palhaços recorrem à sexualidade, motivo maior para realçar os desejos que se mantêm adormecidos. É um corpo livre das regras da moral. (BOLOGNESI, Mário Fernando. Artigo o circo “civilizado”).

No Brasil, o circo se consolidou devido à prática familiar de trabalho. Todos os membros da família se envolviam no trabalho. As formas de ensino e aprendizagem eram passadas de pai para filho e assim mantinha-se a arte circense viva. Essa tradição familiar é algo típico do circo brasileiro. Mesmo de características mambembe, havia

possibilidade de criar vínculos de sociabilidade comunitária. A vizinhança, ora fascinada, ora assustada, não deixava de se envolver com esse mundo mágico da liberdade de ser circense. Aqui, como o circo não se instalou sob valores aristocráticos, os espetáculos não se resumiam à evoluções com cavalos. Prevaleceu um circo de variedades, plural e mesclado.

Há uma divisão interessantes de modelos de circo: de uma lado há o circo de grande estrutura, com patrocínios para viajar o mundo, que possui um espetáculo centrado na apresentação de grandes atrações e *mega* produções em contraponto ao circo pequeno, de tradição familiar e que se aloja nas periferias e possui espetáculos com grande diversidade de atrações, mesclando arte circense com show de variedades. O palhaço, nesses circos de periferia, é de fundamental importância, é um forte pilar de sustentação, é a alma do circo.

Por essas características, os circos pequenos conservam consigo um forte caráter de sociabilidade comunitária e de festejo: quem souber e quiser apresentar algo, estava convidado a ser envolver na folia. “O circo é o último vestígio de um saber antigo, existencial e iniciático. Esse saber, essa arte ancestral e única que é o circo, só se perpetua graças a dois mecanismos: a transmissão do saber de pai para filho, e o ensino proporcionado por uma escola” (ZIEGLER, J. apud RENEVEY, MONICA J. - "Escola para artista" in O Correio da UNESCO)

### **VAI COMEÇAR A BRINCADEIRA ...**

“Faço versos pro palhaço que na vida já foi tudo  
(...) Sem juiz e sem júzo, fez feliz a todo mundo.  
Mas no fundo não sabia que em seu rosto coloria  
todo o encanto do sorriso que seu povo não sorria.”

(O circo - Sidney Miller)

Existe circo sem palhaço? Creio que não. No Brasil, será quase impossível encontrar um circo que não tenha palhaço. Ele é uma figura central. Tem até um ditado que se conta por aí que diz que palhaço bom é que mantêm casa cheia. O gosto do público é referenciado a partir dele. Mas além da indumentária, do nariz vermelho e do modo desajeitado e bobo, o que caracteriza um palhaço, figura universal que desde

pequenos reconhecemos? Essa e outras questões serão investigadas ao decorrer desse texto.

Uma das caracterizações clássicas do palhaço é o nariz vermelho que se destaca no rosto. Os palhaços relatam que é ali que eles se protegem. O nariz é a menor máscara do mundo que protege e revela. Com ele, a transgressão, o ridículo e a bobagem são permitidos. E o indivíduo ainda fica resguardado de críticas de pessoas na platéia que levam tudo muito à sério. “O palhaço, então, tem uma configuração especial: opera a partir de tipos genéricos, mas confere ao tipo eleito uma caracterização individual. As características individuais adequam-se a um tipo determinado e se materializam no corpo do ator, acompanhados da indumentária e da maquiagem. Este corpo, ao contrário do acrobata, não é perfeito e acabado, o que induziria à sublimidade. O corpo do palhaço é disforme, permeado de trejeitos, e busca a ênfase no ridículo, através da exploração dos limites, deficiências e aberrações” (BOLOGNESI, *Mário Fernando*. Artigo o circo “civilizado”). O bom de tudo isso, é que, por causa do desprezo que se tem ao palhaço, pois ele é apenas um bobo, ele pode dizer o quiser, criticar até o rei – no caso do bobo da corte – que ninguém vai reprimi-lo, pois não vão considera-lo um homem digno que diz verdades, é apenas um bobo.

Nos espetáculos circenses do país, o palhaço trabalha em dupla: um palhaço principal e outro secundário, chamado de ‘escada’. Os gestos no picadeiro são mais exagerados do que no teatro, pois não há luz nem som adequado. A comicidade pode se caracterizar em torno de temas como satirização das próprias atrações do circo – são as reprises -, como paródias de músicas da indústria cultural, encenações teatrais e outras atrações.

As paródias do circo revelam as características originais do clown circense. Nesse contexto de comicidade, duas atrações estão sempre presentes. As entradas são curtas esquetes que extrapolam a temática circense, e envolvem conflitos em que geralmente se usa o discurso oral. As reprises são paródias com as atrações do circo: é o palhaço que brinca de ser malabarista, que tenta imitar o atirador de facas, enfim ele revela sua bobagem e tira graça da platéia.

A palavra *clown* é de origem inglesa e remonta a idéia de *colonus* e *clod*, cujo sentido aproximado seria homem rústico, do campo. No universo circense, o *clown* é o artista cômico que participa de cenas curtas e explora uma característica de excentricidade e de tolice em suas ações. O termo clown passou a designar, posteriormente, um tipo específico de personagem cômico, intitulado Clown Branco

devido ao seu rosto enfarinhado. O palhaço Augusto é seu oposto. As tradições da *Commedia dell'arte* foram influentes para a formação cômica desses que através de suas pantomimas possuem características próprias.

O *clown* do circo moderno se forma a partir da junção do anterior tipo inglês com as personagens da *comedia dell'arte*. Ele passou a ser dominante. Exemplificação disso é o palhaço Grimaldi, herdeiro de tradição de feiras, da *Commedia dell'arte* e do teatro de pantomima, ele é considerado o criador desse clown circense. O *clown* foi parar no picadeiro devido essa troca de saberes de valores entre artistas ambulantes, atores teatrais e circenses. O *clown* ocupa o picadeiro, é um cavaleiro desajeitado, uma caricatura que "quebra o gelo" e a monotonia dos espetáculos. Essas entradas cômicas, feitas como se fossem ao inverso, possivelmente geraram as reprises.

A figura do palhaço de picadeiro surge da necessidade de diversificar o espetáculo e também da sobrevivência artística e pessoal. Depois de certa idade, muitos artistas com trabalhos centrados em evolução corporais começam a sentir o peso da idade, daí surge o palhaço. As limitações corporais não são tão prejudiciais ao palhaço, mas a um trapezista, por exemplo, são.

Um teórico do circo, Auguet (1974), irá citar que o palhaço é uma criação específica do circo moderno. O fortalecimento dessa figura se dá com a valorização da fala, que antes não era usada em cena. A possibilidade de fala propicia ao palhaço uma diversidade de construções cômicas como a encenação de esquetes teatrais que acentua um humor popular, mais escrachado.

Após essa conquista da palavra, as encenações circenses evoluem e uma dupla cômica se potencializa. A Dupla do *Clown* Branco e do Augusto. Essa dupla trabalha com o jogo de forças antagônicas. O *Clown* Branco é o aristocrático, que retoma as influências originais do Pierrô de Grimaldi, tem uma pureza romântica, melancólica refletida na boa educação e na elegância dos trajes. O seu oposto, o Augusto, é um palhaço que representa outros valores. Ele tem o tradicional nariz vermelho, é desastrado, malandro, irreverente. Representa a miséria marginal do trabalhador de macacão frouxo da sociedade industrial. É inapto, tanto que já entra em cena logo com um tropeço. Tudo é hiperbolizado: roupas largas e sapatos imensos. É um tipo de palhaço cheio de potencialidades de criações, é um modelo aberto em que cada um insere características.

O Augusto é o nosso típico palhaço de picadeiro. Quase todos os palhaços do país, se utilizam desse modelo para produzir um humor peculiar centrado no grotesco,

nas partes baixas do homem, principalmente. A dupla representa um jogo, solidifica as lutas entre classes. Diz Bolognesi (2003), se é verdade que o palhaço foca sua atuação no corpo, a vestimenta, os gestos, a maquiagem, a voz, enfim, todos os elementos que ajudam a materializar sua imagem revestem-se de singularidade que o torna, simultaneamente, ator e autor - da personagem e da interpretação. A sua comunicação é pelo corpo, pelo cômico das entradas e reprises.

## **PALHAÇO EM CENA – CÂMERA, LUZ E ... MUITA GARGALHADA**

“Hoje tem espetáculo? Tem, sim sinhô.  
É às oito da noite? É, sim sinhô.  
Hoje tem marmelada? Tem, sim sinhô.  
Hoje tem goiabada? Tem, sim sinhô.  
É de noite? É de dia? É, sim sinhô.”

(Hoje tem espetáculo? – Canção Popular  
Letra: Anônimo)

Dois foram os espetáculos circense escolhidos para compor o documentário, que privilegiou uma pesquisa de referencia qualitativa. Os “Bufões” é uma produção do Grupo Dona Zefinha que, além de trabalhar com musica tradicional faz pesquisas nas áreas de teatro e circo. O espetáculo fala sobre um circo composto apenas por palhaços. São três, Panfim, Panfeto e Bufão. O interessante dessa escolha é a revelação da mesclagem arte circense, música e teatro. O grupo faz isso de um modo primoroso. As encenações acontecem no meio da rua, sem lona. Há uma preocupação com o lúdico e com as crianças. É uma nova abordagem que mostra a produção circense compondo novos valores.

O segundo espetáculo de análise foi a apresentação circense tradicional do “London Circo”. É um tipo circo de periferia. A lona montada próxima ao Terminal de ônibus do Bairro Siqueira é o código de que tem espetáculo. É um espetáculo de variedades em que a figura do palhaço é central, é a alma e o sucesso da meninada.

São fortes contrapontos que guardam também semelhanças: pertencem ao mesmo universo mágico do circo.

## RESULTADOS

Encontramos como resultados mais significativos as expressões comunicativas da comicidade do palhaço circense. Através de sua indumentária, que simbolicamente muito nos comunica, o nariz de palhaço, a maquiagem, as roupas tradicionais, tudo revela a representação social desse artista. Ele se comunica pelo corpo grotesco, pelo gesto, pelas roupas, pela fala teatral e cômica. Nas entradas e reprises, ações cômicas tradicionais, ele revela sua potencialidade comunicativa através do humor, ora escancarado, ora sutil.

Nos circos pequenos, de periferia, o palhaço tem o domínio das ações, é teatrais. central, reforçando o dito popular que fala que circo bom mesmo é aquele que tem palhaço bom. Nas experiências vivenciadas pudemos observar também a grande presença de símbolos comunicativos da Indústria Cultural, como a inserção de músicas “da moda” para efetivar o jogo cênico. O palhaço tem uma potencialidade comunicativa que se expande nesses jogos lúdicos, nas cenas cômicas e nas suas atuações

Pude, principalmente através das pesquisas de campo realizadas nos circos de periferia da cidade, perceber como há sim ainda uma sociabilidade e uma prática de lazer centrada no circo. As pessoas ainda freqüentam o circo, negando a idéia, de que mesmo com a inserção de outras opções de lazer, o circo se mantém vivo e presente.

A pesquisa, por ter um intuito também de catalogação e memória, se centrou num trabalho qualitativo e não meramente quantitativo de quantos circos estão atuando na cidade, de quantos são os circenses. A produção do documentário, Humor no Picadeiro, foi uma oportunidade de revelar como há uma cultura de circo na capital.

Um outro foco da pesquisa estava centrado na investigação, especificamente, sobre o palhaço de picadeiro. Pude constatar como, nesses circos de periferia de pequena estrutura, o palhaço é de fundamental importância, é central nos espetáculos, reforçando a idéia, o dito popular, que circo bom mesmo é aquele que tem palhaço bom, na gíria da garotada, que se “garante, que é comédia.”

A experiência do vídeo, que objetiva dar uma visibilidade à esse universo, mostra uma realidade precária nos circos, uma falta de estrutura adequada e digna, ausência de estímulo e patrocínio. É uma realidade complicada, mas, percebemos, que a cada dia de espetáculo, a cada vez que as cortinas se abrem, um novo sentir se renova: o do prazer de estar ali, de fazer parte desse universo tão mágico do circo.

## CONCLUSÃO

Imersa na temática há três anos já é possível visualizar conclusões diversas. Uma é a grande potencialidade comunicativa do palhaço através do humor. Outra seria a presença ainda forte e viva dos circos na cidade. Esses circos, que não chegam ao número de quinze em Fortaleza, estão em situação precária, não há incentivo e patrocínio, há uma condição subumana de vida. Pode-se concluir também como há peculiaridades, características nesses circos pequenos, presentes nas periferias.

Por terem pouca estrutura, centram seus espetáculos na exibição de diversos números, é um show de variedades, diferente dos circos grandes. Uma dessas peculiaridades é a figura do palhaço. Concluímos que ele é o centro do espetáculo, a alma do circo. Apesar da pesquisa não estar finalizada, pois terei oportunidade de passar mais um ano inserida na temática, é possível visualizar conclusões diversas. Uma é a presença ainda forte e viva dos circos na cidade e da construção de novas sociabilidades comunitária a partir desse lazer.

Esses circos, que não chegam ao número de vinte em Fortaleza, estão em situação precária, não há incentivo e patrocínio, há uma condição subumana de vida. Pode-se concluir também como há peculiaridades, características nesses circos pequenos presentes nas periferias. Por terem pouca estrutura, centram seus espetáculos na exibição de diversos números, é um *show* de variedades, diferente dos circos grandes. Uma dessas peculiaridades é a figura do palhaço. O palhaço é o centro do espetáculo, a alma do circo.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, BARTHES, BENJAMIN, MARCUSE, KRISTEVA, MCLUHAM, PNOFSKY . **Teoria de Cultura de Massas**. Rio de Janeiro. Saga, 1969.

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – O Contexto de François Rabelais**. São Paulo: Editora Hucitec – Annablume, 2002.

BERGSON, H. **O Riso – ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fonte, 2004.

BOLOGNESI, G.A. **Palhaços**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BOLOGNESI, *Mário Fernando*. **O circo “civilizado”**. 2004.

BURKE, P. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

CASTRO, Alice Viveiros de. **O Elogio da Bobagem**. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

MARCUSE, H. **Cultura e sociedade**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

PANTANO, A. A. **A personagem palhaço: a construção do sujeito**. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, 2001. Dissertação de mestrado.

PROPP, V. **Comicidade e Riso**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

